

Loretta Emiri, setembro de 1985
"EDUCAÇÃO GLOBAL PARA O POVO YANOMAMI"

(Relatório de atividades, base de discussão para o III Encontro de Educação Indígena, OPAN, Fátima de São Lourenço (MT), 16-22/1/1986).

- 1) Questionar, informar, manter contatos com todas as entidades envolvidas com os Yanomami, ou seja: FUNAI, grupos de apoio, Igreja Católica, protestantes, entidades que atuam na Venezuela, visando a uma ação de conjunto.
- 2) Viabilizar novas formas de colaboração com os grupos de apoio, especialmente com os que já demonstraram interesse em ter minha colaboração, ou seja: OPAN, CIMI, CEDI, CCPY.
- 3) Buscar um espaço de atuação na área, numa visão de "Educação Global" e de "Povo Yanomami".
 (Trecho tirado do Relatório do II Encontro de Educação Indígena).

Aos 29 de novembro de 1984, como técnica da Divisão de Etnografia e Folclore do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Território Federal de Roraima, assinava documento com o qual a FUNAI me autoriza a trabalhar em área yanomami durante dois anos.

No projeto que a Divisão apresentou à FUNAI pedindo autorização para entrar na área indígena, no item "2. Objetivos da pesquisa", lê-se: "Exporadicamente os Yanomami têm sido objeto de estudos por parte de pesquisadores isolados, provenientes das mais diversas origens, utilizando os mais diferentes métodos e em busca de variados objetivos.

Várias entidades têm desenvolvido também trabalhos de educação.

A Divisão de Etnografia e Folclore do DAC/SEC/RR, na qual trabalho, pretende realizar um trabalho que venha a:

- resgatar tais experiências e estudar seus resultados;
- fomentar a ampliação das pesquisas efetuadas e realizar novos trabalhos, para melhor conhecer a atual realidade cultural e existencial yanomami;

- dar continuidade ao processo educacional desenvolvido pela Missão Catrimani, no período de 1978 a 1981 (por Loretta Emiri), entre uns grupos locais do sub-grupo linguístico yanomamê, visando a um trabalho mais abrangente que, com o tempo, possa ser direcionado à etnia toda, unificando os diferentes alfabetos que estão sendo usados, alcançando a unificação quanto ao curriculum, às propostas, aos conteúdos, aos métodos que estão sendo usados pelas diferentes entidades envolvidas na área da educação entre os Yanomami;

- iniciar o resgate da cultura material yanomami;
- sistematizar e divulgar os resultados obtidos;
- didatizar, através do MIRR (Museu Integrado de Roraima), os dados levantados e colocá-los a disposição de alunos, professores e sociedade envolvente, contribuindo para o conhecimento, a preserva

ção e a valorização das culturas indígenas."

Tendo-se urgência de encaminhar a coleta da cultura material yanomami para o MIRR, no dia 14 de dezembro de 1984 viajei para a área yanomami Ajarani, que é alcançável pela estrada e fica só a 200 km. de Boa Vista.

Permaneci na região durante 24 dias.

Os sobreviventes dos grupos locais que foram dizimados pelas doenças introduzidas pelas equipes de desmatamento na época da construção da estrada, vivem encurralados pelos colonos que se estabeleceram na região após o loteamento do INCRA.

Estes remanescentes Yawári diminuem ano por ano a causa das doenças que continuam a afetá-los e língua, usos e costumes estão sendo violentemente alterados no choque com a sociedade envolvente.

Durante a estadia me encontrei com um grupinho de jovens homens Opikètheri é localizado a 12 km. da Missão Catrimâni, que dá assistência ao mesmo.

O transtorno provocado neste grupo local pela chegada da estrada foi enorme.

Se deslocaram do rio Pacu perto da estrada.

Especialmente os mais novos eram frequentadores assíduos dos acampamentos dos trabalhadores da estrada.

Deixaram de fazer a roça.

Tomaram atitudes de brancos, rejeitando alguns dos valores da própria cultura.

Ainda hoje, os mais novos continuam visitando o Posto Indígena "Ajarani I", as fazendas, a cidade de Caracaraí e às vezes chegam até Boa Vista.

Sempre vão à procura das novidades e dos bens materiais da sociedade envolvente e sempre são explorados em suas transações comerciais.

Os Opikètheri relataram que há tempo vêm pedindo aos responsáveis da Missão Catrimâni de ser alfabetizados e de aprender a fazer contas, sem que os missionários atendam às suas necessidades, preferindo se dedicar à alfabetização de adolescentes do grupo local Wakathautheri, localizado nas imediações da Missão.

Os Opikètheri e uns jovens Yawári pediram, com uma certa ênfase, de eu atender à sua exigência de ser alfabetizados.

Provavelmente os dialetos Yawári e Opikètheri não pertencem ao su-grupo lingüístico yãnomamè em que foi desenvolvida a experiência de alfabetização no Catrimâni.

Para a segunda viagem à área escolhi de ir no Demini, pois fala-se yãnomamè, por ficar perto da área do Catrimâni, por conhecer a maioria dos membros do grupo local, que é atendido também pela Missão Catrimâni.

Em data 16/04/1985 alcançava a área e aí permanecia durante 50 dias. Embora a situação não seja dramática como no Ajarani, o grupo local mantém contatos com os brancos.

Fiz uns testes com umas pessoas para ver se o método usado no Catrimâni podia ter sucesso numa área e numa época diferente: os resultados foram muito animadores e um dos jovens envolvidos revelou grandes capacidades e interesse em ser alfabetizado.

Outros homens tomaram a iniciativa e pediram para ser alfa

betizados.

Finalizando, elegeríamos a área do Demini para dar continuidade à experiência de alfabetização/educação global, pois:

- a alfabetização é uma exigência surgida entre os indígenas;
- embora o dialeto seja diferente, fala-se a mesma língua em que foi começada experiência no Catrimâni.

Isso possibilita o aproveitamento do material já produzido;

- a proximidade da área ao Catrimâni permite de ampliar a experiência alcançando outros grupos locais;

- sempre em razão da proximidade geográfica, Atriyãno Hewe nahipitheri, que foi alfabetizado no Catrimâni, pode alcançar o Demini com facilidade.

A meu ver, ele, que chegou a dominar a técnica da leitura e escrita, deve ser aproveitado para transmiti-la aos outros, tornando-se assim o primeiro professor yanomami;

- o chefe do Posto da Funai, localizado na área, é um yanomami, alfabetizado na língua materna pelos missionários protestantes.

Ele pode ser um ótimo intermediário entre alfabetizador e alfabetizados.

Ao mesmo tempo, através da experiência ele pode aperfeiçoar o português oral e aprender a ler e escrever em português;

- o Posto da FUNAI presta-se a funcionar como base de apoio para o alfabetizador, facilitando-lhe as condições de permanecer na área;

- a FUNAI, através da antropóloga da 10ª DR de Boa Vista e de servidores da Divisão de Educação/DAI de Brasília, está dando o maior apoio e força ao presente projeto;

- janeiro de 1986 é a data prevista para iniciar o trabalho de alfabetização no Demini.